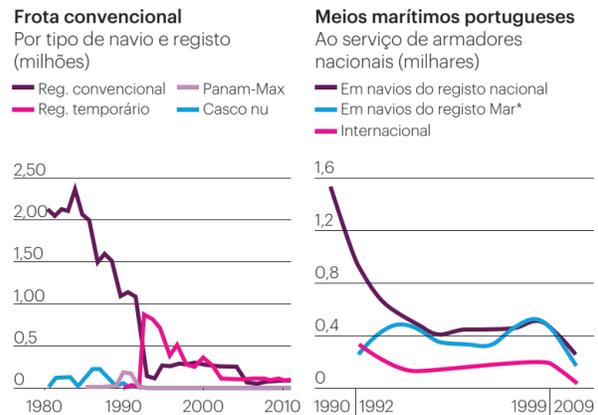


PORTOS

Portugal começou a navegar ainda antes de Hamburgo, que teve uma industrialização tardia e no fim do século XIX se tornou no maior porto do mundo. As últimas décadas contam uma história diferente. Em Portugal, desinvestiu-se; em Hamburgo, o porto, símbolo da cidade, foi sempre visto como fonte de riqueza. Hamburgo fez do porto o seu maior tesouro e o porto fez de Hamburgo a mais rica metrópole da Alemanha. Portugal tem muito a aprender. *Por José Alves (infografia) e Sofia Lorena (texto)*

PORTUGAL DESISTE DO MAR

A frota portuguesa não tem parado de diminuir; à primeira queda, a seguir ao 25 de Abril, segue-se a dos anos 1980, com a entrada na UE (quando se aposta no betão e na camionagem), e a terceira, já nos anos 1990



*Registo Internacional de Navios da Madeira

HAMBURGO E SINES ENTRE OS PORTOS MUNDIAIS

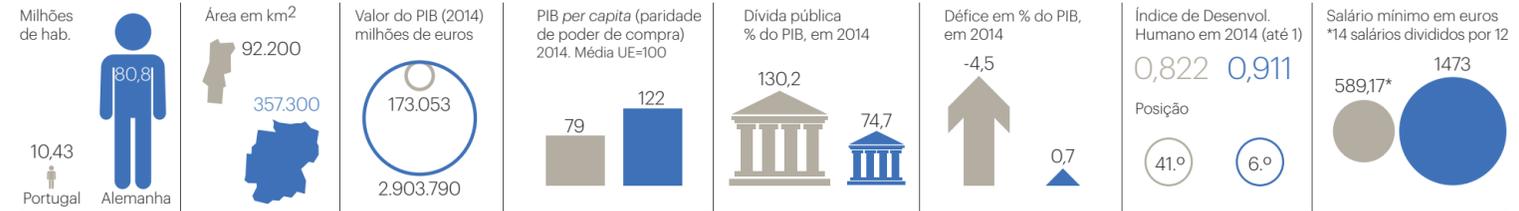
O porto de Sines tem um enorme potencial de crescimento, comprovado pelos resultados recentes. Ao contrário de Hamburgo, que precisa de se alargar e aumentar a profundidade do rio Elba, Sines não tem limites para a dimensão dos navios que pode receber

As maiores empresas



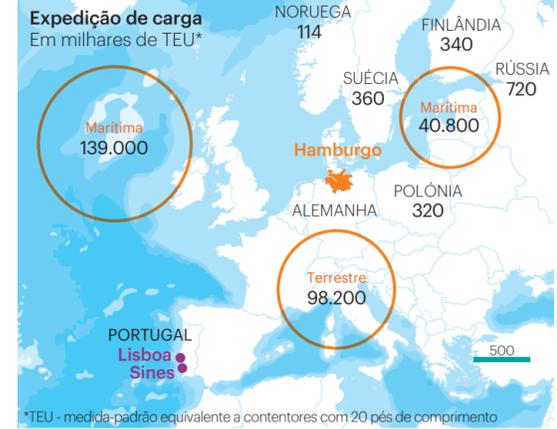
DWT (deadweight cargo) - soma do peso da carga, combustível, água fresca, água de balastro, provisões, passageiros e tripulação TEU - medida-padrão equivalente a contentores com 20 pés de comprimento

Fontes: Eurostat; European Competitiveness Report 2014; undp.org; OCDE; Comissão Europeia; Blue Growth for Portugal (Relatório de Tiago Pitta e Cunha, Cotec, 2011); HHLA; Autoridade Portuária de Hamburgo; Hamburg Port Consulting; Portline; Hapag-Lloyd; Alphaliner; Administração do Porto de Sines; IMTP, IP, AAMC



ÁREA METROPOLITANA DE HAMBURGO

No conjunto, os portos de Hamburgo, Brunsbüttel, Stade, Cuxhaven e Glückstadt são a força motora da economia. Só em Hamburgo e no Sul da região metropolitana a marinha mercante e a construção de navios emprega 6300 pessoas



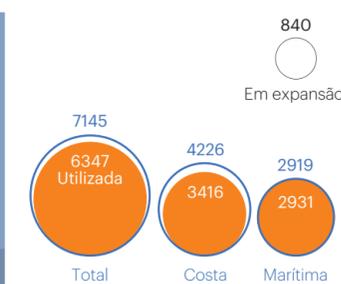
Top 10 das trocas comerciais



PLATAFORMA LOGÍSTICA

Cada vez mais produtos chegam a um lugar e precisam de ser transportados para outros pontos do mundo. Localizada entre a Ásia do Leste, a Europa Central e a Europa de Leste, Hamburgo é a melhor plataforma logística do Norte da Europa

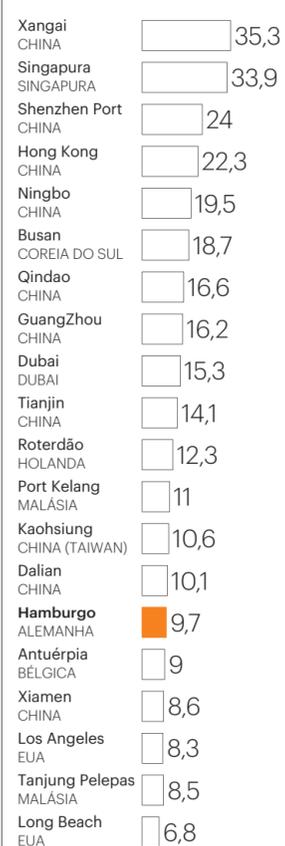
Área do porto



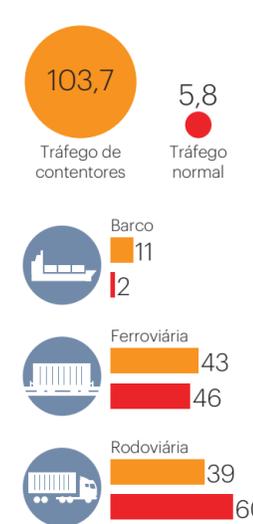
Infra-estruturas portuárias

Ramais ferroviários	296 km
Docas para navios oceânicos	242
Docas para meganavios	40
Paredes do cais para navios transoceânicos	43 km
Ramais ferroviários	296 km
Ramais ferroviários	296 km
Pontes	
Rodoviárias	90
Ferrovárias	51
Móveis	4

Top 20 mundial



De que forma é feita a distribuição



Milhares de toneladas (inclui contentores)



2014 Em milhões de TEU



EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO, INVESTIGAÇÃO

Com 25 estabelecimentos de ensino superior e 86 mil estudantes, a oferta completa-se com a presença de muitos institutos internacionais de investigação (Max Planck, DESY, CFK Valley). Há mais de 9000 investigadores que garantem que a região se mantém na vanguarda da inovação e do progresso

LEGISLATIVAS 2015

Acompanhe em www.publico.pt/legislativas2015

19 governos, 12 primeiros-ministros e três vezes o FMI

Em 39 anos, várias foram as soluções governativas. Um olhar pela história eleitoral. Por Nuno Ribeiro (texto), Cátia Mendonça e Joaquim Guerreiro (Infografia)

Os eleitores vão hoje pela 14.ª vez às urnas para elegerem um novo Parlamento de onde sairá o XX Governo constitucional. A 25 de Abril de 1975 decorreram as eleições para a Assembleia Constituinte, cuja tarefa foi a redação e aprovação da Constituição, a lei fundamental que estruturou o sistema democrático. Contas feitas, em 39 anos e 12 legislaturas tivemos 19 executivos liderados por 12 primeiros-ministros e, em três vezes, a incontornável presença do Fundo Monetário Internacional (FMI). O hemiciclo de São Bento só viu em três ocasiões maiorias absolutas de um só partido. Recordar-se que a que vigorou nos últimos quatro anos resultou da soma dos deputados do PSD e do CDS-PP após eleições, embora tenha a novidade de ser a primeira coligação que concluiu o mandato de quatro anos. Duas das três maiorias absolutas foram lideradas por Cavaco Silva, de 1987 a 1995. A de José Sócrates, a primeira da história do PS, foi em 2005.

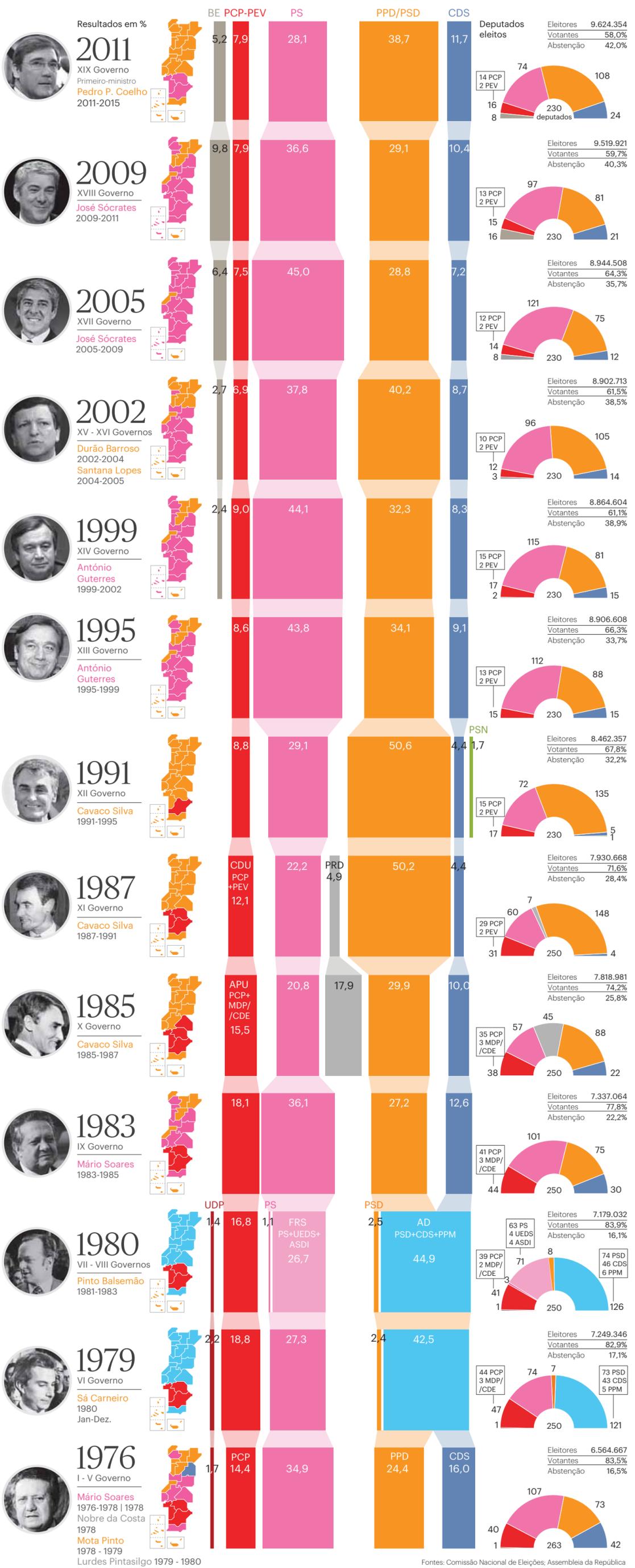
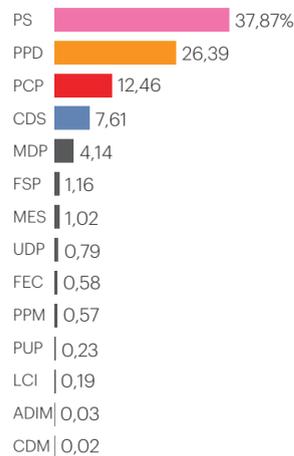
Com Cavaco, cujo primeiro governo minoritário (1985 a 87) caiu na sequência de uma moção de censura, o país viveu a chegada dos fundos comunitários europeus e desenvolveu

infra-estruturas – o que passou para a história como a “década do betão”. Sócrates viu o seu partido ser maioritário na sequência do “momento horribilis” do PSD. O executivo de Durão Barroso de 2002, o XV constitucional, teve o apoio do CDS-PP de Paulo Portas, mas desmembrou-se na sequência da saída do primeiro-ministro para presidente da Comissão Europeia e da sua sucessão por Santana Lopes. O consulado Barroso ficou marcado pela cimeira das Lajes, nos Açores, em 16 de Março de 2003; Portugal foi o anfitrião de um encontro entre George W. Bush, Tony Blair e José Maria Aznar que afinou a intervenção militar no Iraque. A curta e errática gestão de Santana, menos de oito meses à frente do XVI Governo, tivera um mau presságio: o desmaio do primeiro-ministro na cerimónia de posse no Palácio da Ajuda, na tarde quente de 17 de Julho de 2004. O executivo acabou por soçobrar entre polémicas. Da central de informação para os *media* a uma inusitada descentralização dos ministérios pelas cidades do país. A 22 de Dezembro, embora dispondo de uma maioria de 119 deputados fruto do apoio dos centristas de Portas, tudo acaba. Jorge Sampaio, Presidente da República, dissolve o Parlamento, convoca eleições e termina com a nona legislatura. José Sócrates, fazendo jus ao epíteto de “animal feroz”, consegue a primeira e até agora única maioria absoluta do PS nas eleições de 20 de Fevereiro de 2005. E, pela quarta vez, uma legislatura é levada até ao fim. O mesmo não aconteceria

nacional determinaram um segundo executivo transversal. Quem apoia o primeiro-ministro Mário Soares, por três vezes chefe de governos, é o PSD de Carlos Alberto da Mota Pinto. Assim nasceu o bloco central, que não resistiu à morte, a 7 de Maio de 1985, de Mota Pinto e ao triunfo de Cavaco Silva no XII Congresso do PSD de 17 a 19 de Maio na Figueira da Foz. Mesmo sem maioria absoluta é, no entanto, possível concluir a legislatura. Para além da que agora finda, tal aconteceu com o XIII Governo Constitucional de António Guterres em 1995: o PSD de Marcelo Rebelo de Sousa viabilizou consecutivos orçamentos para não prejudicar a entrada de Portugal na moeda única. Guterres foi também protagonista de um facto pouco comum: demitiu-se de primeiro-ministro em Abril de 2002 na sequência da derrota do PS nas autárquicas de Dezembro 2001. Tinha governado, à falta de um deputado para a maioria absoluta, com o apoio de Daniel Campelo, parlamentar do CDS, defensor do queijo limiano. António Guterres saiu denunciando o pântano. As legislaturas foram marcadas por outras questões. Entre 29 de Agosto e 3 de Janeiro de 1980, Portugal foi governado por três executivos de iniciativa presidencial do então chefe de Estado Ramalho Eanes. Sucederam-se como primeiros-ministros Nobre da Costa, Mota Pinto e Maria de Lurdes Pintasilgo. Inspirado nas posições de Eanes, em 19 de Julho de 1985 foi criado o Partido Renovador Democrático (PRD), que nas eleições de 6 de Outubro daquele ano chegou aos 45 deputados. A apresentação de uma moção de censura pelo PRD ao executivo de Cavaco Silva levou ao fim do X Governo constitucional e abriu as portas à primeira maioria absoluta de Cavaco nas eleições de 1987. Começou, então, o ocaso do PRD: elegeram apenas sete deputados para depois desaparecer do hemiciclo e ser dissolvido a 12 de Abril de 2000. As eleições permitiram ainda o aparecimento de outras forças. Nas de 1991, surgiu o primeiro partido de causas, a dos reformados, o Partido da Solidariedade Nacional, que elegeu um único deputado, o seu dirigente, Manuel Sérgio. O resultado das urnas de 1999 levou à entrada no hemiciclo de dois deputados do Bloco de Esquerda, Francisco Louçã e Luís Fazenda. Desde 1981, com o desaparecimento da UDP, no hemiciclo não havia uma força à esquerda do PCP. Por fim, o mau resultado do CDS em 1987, com a eleição de apenas quatro deputados, levou os centristas a serem então considerados como o “partido do táxi”.

1975

Eleições para a Assembleia Constituinte



Fontes: Comissão Nacional de Eleições; Assembleia da República

A guerra no centro do mundo

A crise dos refugiados, o terrorismo e a ofensiva contra o Estado Islâmico dominaram a agenda mundial em 2015. Em todos, o mesmo epicentro - a guerra na Síria que, por acção dos jihadistas, se fundiu com o conflito sectário no Iraque. Os ataques de Paris, a intervenção russa e a guerra surda entre Irão e Arábia Saudita internacionalizaram ainda mais a guerra.

Por Ana Fonseca Pereira e Célia Rodrigues

Guerra cada vez mais internacional



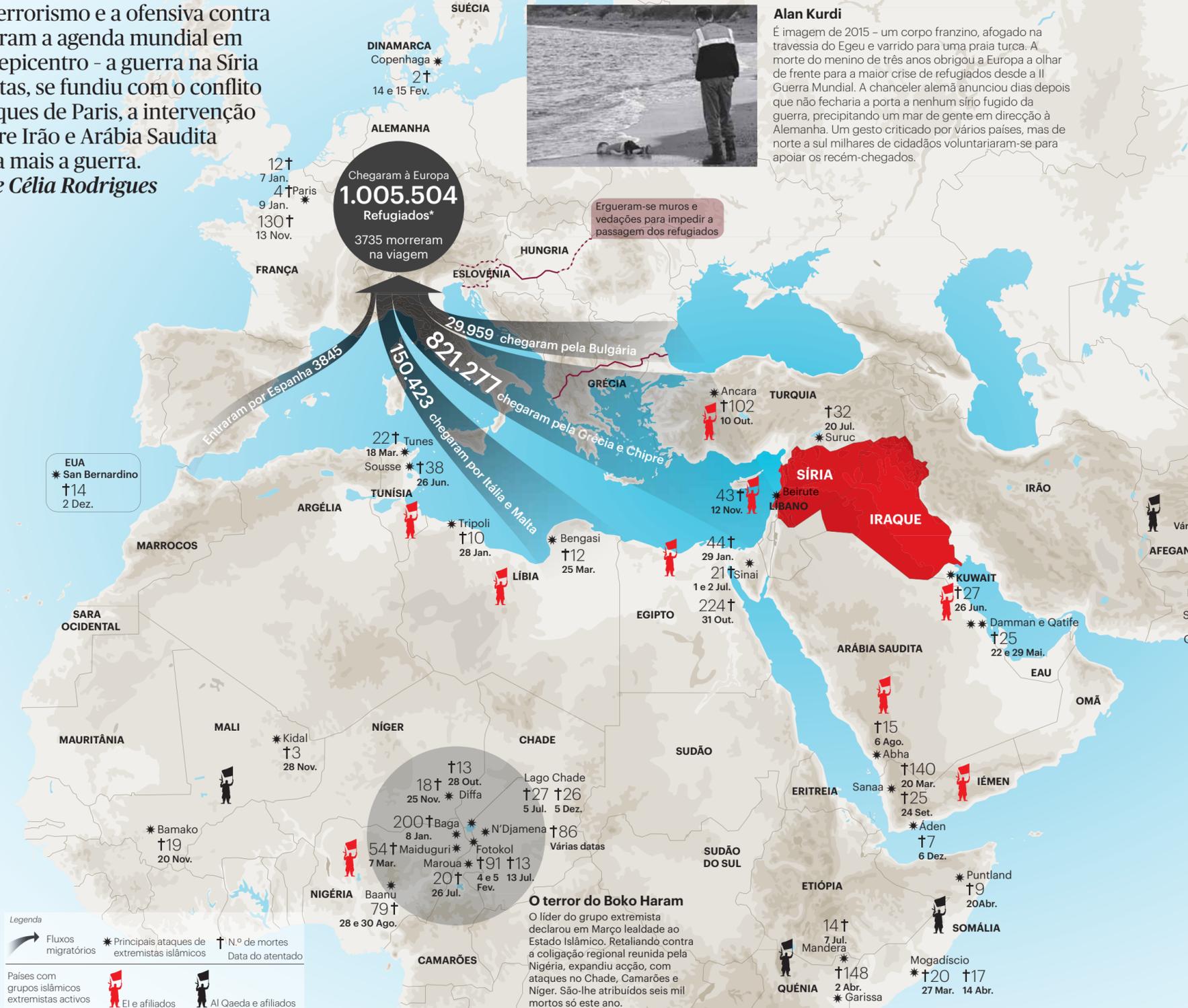
França - Atacada, declara guerra ao Estado Islâmico e bombardeia os seus bastiões na Síria. Propõe uma grande coligação contra os jihadistas, mas não consegue unir EUA e Rússia. Tem mais sucesso a mobilizar os europeus: em Dezembro, o Reino Unido junta-se aos ataques aéreos na Síria, dias depois de a Alemanha entrar na coligação.

Rússia - Entra na guerra a 30 de Setembro. Primeiro para apoiar o regime de Bashar al-Assad contra "todos os terroristas", incluindo grupos da oposição apoiada pelo Ocidente. Depois do atentado que derrubou um avião sobre o Sinai (31 Out), Vladimir Putin avisa o EI que "a vingança é inevitável" e lança centenas de ataques contra os jihadistas.

Irão - Assina, a 14 de Julho, acordo nuclear com as potências internacionais. Desanuvia a tensão com o Ocidente e a perspectiva do fim das sanções reanima a economia, mas o país embrenha-se na guerra síria - envia centenas de "conselheiros militares" para apoiar Assad e sofre dezenas de baixas - para além de apoiar as milícias xiitas no Iraque.

Arábia Saudita - Hostil ao acordo nuclear, multiplica-se em tentativas para travar o que diz ser a expansão da influência do Irão. Em Março, lança, à cabeça de uma aliança de países árabes, uma ofensiva contra os rebeldes xiitas no Iémen. Em Dezembro, anuncia uma "coligação islâmica" contra o terrorismo.

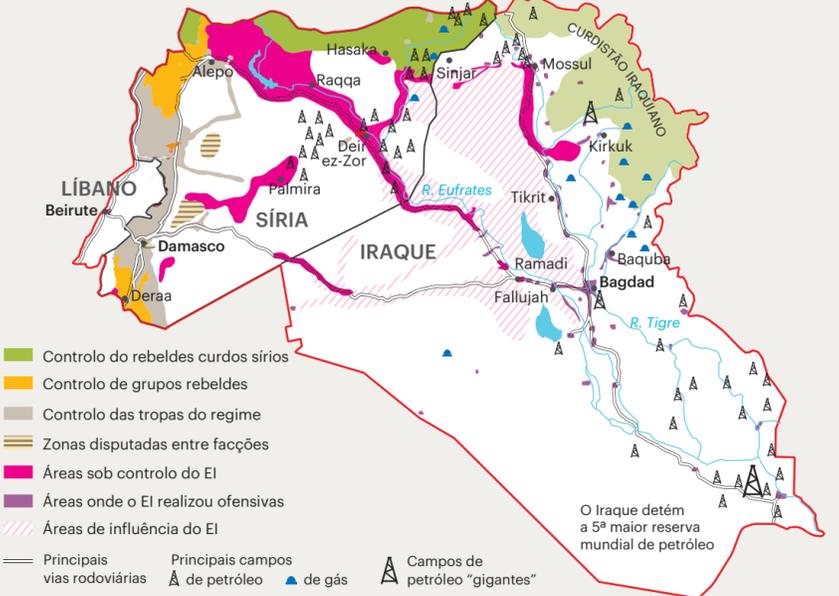
EUA - Já depois do acordo nuclear, aceita incluir o Irão nas negociações sobre o futuro da Síria. Após os ataques de Paris, Barack Obama promete intensificar ataques contra os jihadistas e envia 150 soldados das forças especiais para a Síria e o Iraque. Mas a sua estratégia voltou a ser criticada depois de um casal de jihadistas ter matado 14 pessoas em San Bernardino, na Califórnia, a pior acção do género nos EUA desde o 11 de Setembro.



Alan Kurdi
É imagem de 2015 - um corpo franzino, afogado na travessia do Egeu e varrido para uma praia turca. A morte do menino de três anos obrigou a Europa a olhar de frente para a maior crise de refugiados desde a II Guerra Mundial. A chanceler alemã anunciou dias depois que não fecharia a porta a nenhum sírio fugido da guerra, precipitando um mar de gente em direcção à Alemanha. Um gesto criticado por vários países, mas de norte a sul milhares de cidadãos voluntariaram-se para apoiar os recém-chegados.

Um conflito de muitas frentes

Depois das conquistas na Primavera - em Maio, conquistou Ramadi, no Iraque, e Palmira, na Síria -, no final do ano, o EI perdeu terreno no Nordeste da Síria e no Norte e Leste do Iraque, pressionado pelos ataques aéreos internacionais. A intervenção russa permitiu a Assad passar à ofensiva no Oeste, sem reverter todos os ganhos dos rebeldes no Verão.



Fonte: ISW, Iraque - 21 Dez.; Síria - 23 Dez. 2015

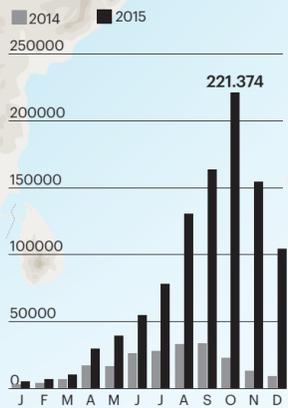
Legenda: Fluxos migratórios, Principais ataques de extremistas islâmicos, N.º de mortes Data do atentado, Países com grupos islâmicos extremistas activos, EI e afiliados, Al Qaeda e afiliados

A Europa entre a solidariedade e o medo

Refugiados
Um milhão chegou à Europa de barco e mais de 3700 morreram na travessia. Chegam a Itália, mas sobretudo à Grécia, país já estrangulado pela crise económica. Dai viajam para norte, através dos Balcãs, numa marcha imparável que levou uns países a erguer barreiras (Hungria), outros a encaminhá-los para o país seguinte, ambos pondo em risco o acordo de Schengen. Com a perspectiva de receber um milhão de requerentes de asilo, a Alemanha convenceu os parceiros a aceitar um sistema de redistribuição de 160 mil pessoas - ainda a dar os primeiros passos.

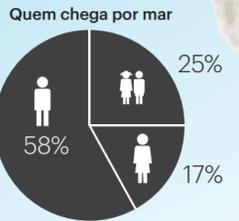
Extrema-direita
A Suécia e a Alemanha, os dois países que mais refugiados recebem, debatem-se com o crescimento dos movimentos anti-imigração. Só na Alemanha houve 222 ataques contra centros de acolhimento em 2015 e as manifestações do movimento islamóforo Pegida voltaram a ganhar fôlego. Vários países do Norte da Europa, onde as forças populistas ganham terreno, adoptam políticas restritivas - a Dinamarca cortou para metade o apoio aos imigrantes e publicitou a decisão nos jornais do Líbano. Em França, a Frente Nacional de Marine Le Pen foi a mais votada na primeira volta das eleições regionais, em Dezembro, beneficiando do clima que se seguiu aos atentados de Paris.

Chegadas pelo Mediterrâneo



Países com mais pedidos de asilo

Alemanha	262.360
Hungria	173.565
Suécia	68.235
Itália	58.530
Áustria	54.695
França	47.090
Reino Unido	26.675
Holanda	23.470
Bélgica	23.130
Finlândia	17.690
Bulgária	12.585
Espanha	10.160



Fontes: www.iom.int; unhcr.org; https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_terrorist_incidents_2015; Institute for the Study of War; Reuters; Eurostat * dados da OIM de 22 de Dezembro 2015

Embate de potências no Médio Oriente

A maior crise em décadas entre a Arábia Saudita e o Irão começou com a execução de um religioso xiita saudita. Manifestantes atacaram a embaixada de Riad em Teerão e seguiu-se o corte de relações diplomáticas com o Irão. A ditadura sunita e a teocracia xiita disputam a hegemonia regional e Riad teme que o regime iraniano volte a ocupar o papel de protagonista na zona. *Por José Alves e Sofia Lorena*

Uma semana depois de ter cortado as relações diplomáticas com o Irão, decisão que a ONU descreveu como "extremamente preocupante", a Arábia Saudita anunciou ontem que pode avançar com mais medidas contra o regime xiita. "Estamos a avaliar medidas adicionais se o Irão mantiver a sua política actual", afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros, Adel al-Jubeir, no fim de uma reunião extraordinária do Conselho de Cooperação do Golfo.

No encontro, os representantes da Arábia Saudita, Bahrein, Qatar, Omã, Kuwait e Emirados Árabes Unidos condenaram o que descrevem como "interferência do Irão nos assuntos sauditas e da região" e acusaram o Irão de "ser responsável por estes ataques terroristas", numa referência ao ataque à embaixada saudita em Teerão. O regime iraniano deteve 40 envolvidos mas Riad decidiu avançar para o corte diplomático, decisão que já foi seguida por vários aliados.

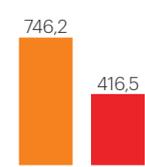
A escalada entre os dois países fez aumentar o fosso entre os países sunitas, a esmagadora maioria dos muçulmanos, e xiitas, a segunda grande confissão do islão. Na última semana houve protestos contra Riad das comunidades xiitas, do Paquistão à Turquia. No Bahrein, país de maioria xiita governado por uma família sunita, as manifestações foram reprimidas. Em 2011, durante a vaga de revoltas nos países árabes, os xiitas do Bahrein ousaram montar uma concentração de protesto: Riad enviou ajuda militar para ajudar o aliado a esmagar a contestação.

AS DUAS ECONOMIAS

O Irão sofre com o embargo económico dos países ocidentais desde 2006, mas com o acordo sobre o programa nuclear do país, alcançado em 2015, e o levantamento das sanções, em breve, prevê-se uma recuperação

ARÁBIA SAUDITA IRÃO

Produto Interno Bruto
Em mil milhões de dólares (2014)



Produção de petróleo
Milhões de barris/dia



Exportações por ano
Em milhões de dólares (2014)



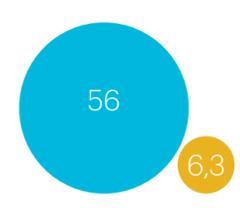
Reservas de crude
Milhões de barris (2015)



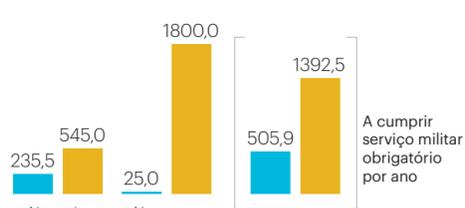
PODER MILITAR (2015)

ARÁBIA SAUDITA IRÃO

Investimento na defesa
Mil milhões de dólares



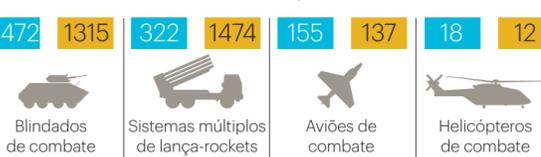
Dimensão das Forças Armadas
Milhares



Artilharia



Força Aérea



Mísseis balísticos

Apesar das sanções, o Irão tem ampliado o seu programa de mísseis balísticos, ao mesmo tempo que os sauditas aumentaram muito o seu investimento na defesa

	A. SAUDITA	IRÃO
Alcance	1779 km	2000 km
Precisão	2000m	n.d.
Altura	10,7 m	17,6 m
Fuel	Sólido	Sólido
Ao serviço	1991	2012
Origem	China	EUA

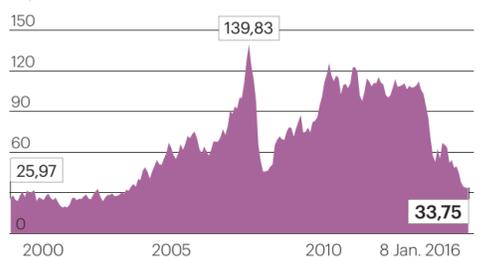
Manifestações contra a Arábia Saudita (símbolo de explosão) Xiitas (símbolo de círculo azul) Sunitas (símbolo de círculo verde)

PAÍS Países que cortaram relações com o Irão PAÍS Países que tomaram outras medidas diplomáticas contra o Irão

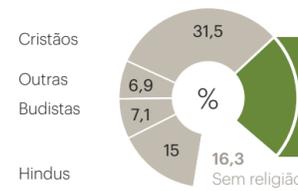
Petróleo em mínimos dos últimos 11 anos

Brent em dólares por barril

Num primeiro momento de tensão entre a Arábia Saudita e o Irão fez subir as cotações, que rapidamente caíram para mínimos de 11 anos com a percepção de que o diferendo prolongará o excesso de oferta de crude no mercado. Com as duas grandes potências energéticas do Médio Oriente de costas voltadas, cresce a convicção de que um entendimento na OPEP para baixar quotas de produção (para que o excesso de oferta seja absorvido) é considerado improvável.



Religiões no mundo



A população muçulmana representa 23% da população mundial, sendo que a religião islâmica se divide em dois ramos principais...

10 a 13% Xiitas

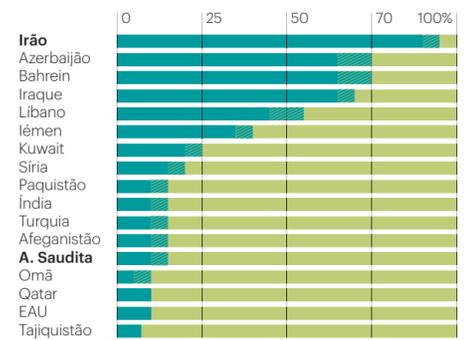
Sunitas 87 a 90%

O mundo muçulmano

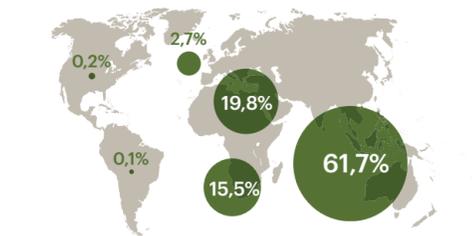


A maioria dos muçulmanos do mundo vive na Ásia e no Pacífico mas apenas 24% dos habitantes na região são muçulmanos. O Médio Oriente e o Norte de África são maioritariamente muçulmanos (93%)

População por país



Distribuição da população muçulmana por regiões



IRÃO

Na grande nação persa e xiita vivem várias minorias étnicas (árabes, azeris, baluches ou turcofonos) impedidas de falar as suas línguas e de aceder a alguns empregos, e religiosas (como a comunidade bahá'i, alvo de perseguições regulares). Estima-se que os muçulmanos de confissão sunita sejam 5% a 10% da população. Os árabes são 6% a 8% e aspiram a uma comunidade autónoma na região de Ahvaz, no Sudoeste do país, onde se concentram. É aqui que está um dos maiores campos petrolíferos do país.

População 81.824.270* Área total 1.648.195 km²



Ayatollah Khamenei

Numa irada reacção à execução do religioso xiita, avisou que "a divina mão da vingança irá agarrar pelo pescoço os políticos sauditas" e criticou o silêncio do mundo. Declarações que Riad interpretou como uma incitação à violência que teria justificado o posterior ataque à sua embaixada em Teerão.

ARÁBIA SAUDITA

A esmagadora maioria dos habitantes do reino que abriga os principais santuários do islão (Meca e Medina) são muçulmanos sunitas, mas 10% a 15% são xiitas, como o xeque Nimr, executado no dia 2 de Janeiro. Esta minoria concentra-se na Província Oriental, onde se encontra uma grande parte das reservas de petróleo do país. Os xiitas queixam-se de discriminação e dizem ser tratados como cidadãos de segunda. Tentam manifestar-se regularmente, mas os protestos são sempre brutalmente reprimidos.

População 27.752.316* Área total 2.149.690 km²



Rei Salman

A sua subida ao trono, há um ano, marcou uma postura mais agressiva da Arábia Saudita na sua afirmação como potência regional. Em Março, reuniu uma coligação de países sunitas para atacar rebeldes xiitas no Iémen e em Dezembro formou uma "coligação antiterrorista islâmica" que exclui o Irão e os seus aliados.

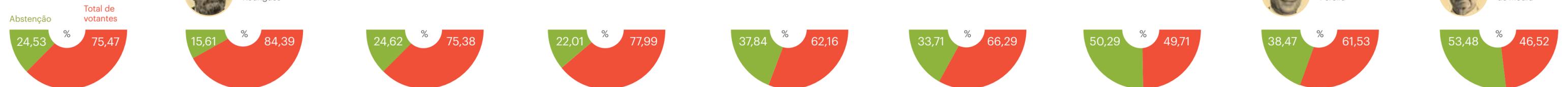
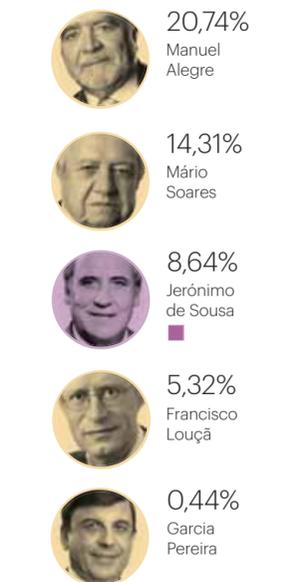
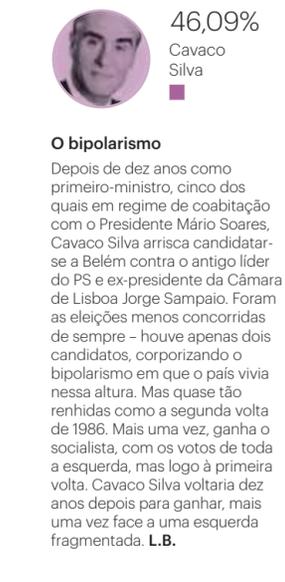
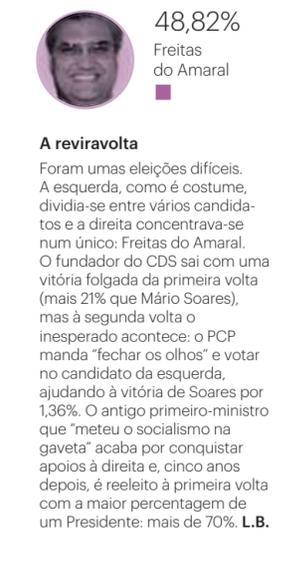
Em Março, Riad formou uma coligação de nações sunitas para combater os rebeldes houthis, de confissão xiita, em guerra contra o Governo, e que Riad acusa o Irão de financiar e treinar. Entretanto, já morreram 2800 civis. Na quinta-feira, Teerão acusou a Arábia Saudita de ter bombardeado a sua embaixada na capital do Iémen, o que o país desmentiu.

*Foi anunciado em 2010 que os sauditas iam receber vários dos EUA

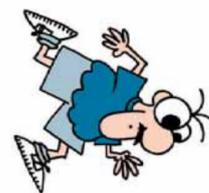
*Estimativas de Julho 2015. Os imigrantes sauditas constituem mais de 30% da população total, de acordo com dados da ONU (2013)

Quatro presidentes para quatro décadas: as eleições em números

A Presidência da República tem sido a instituição política mais estável da democracia portuguesa. Apenas quatro Presidentes foram eleitos em 40 anos - todos foram reeleitos, cumprindo dez anos cada um -, enquanto no mesmo período tomaram posse 21 governos. Ainda assim, o sufrágio directo do Presidente da República consagrado na Constituição da República de 1976 tem vindo a perder terreno para a abstenção. Que, no entanto, é mais baixa na primeira eleição do que na reeleição. *Por Cátia Mendonça (infografia)*

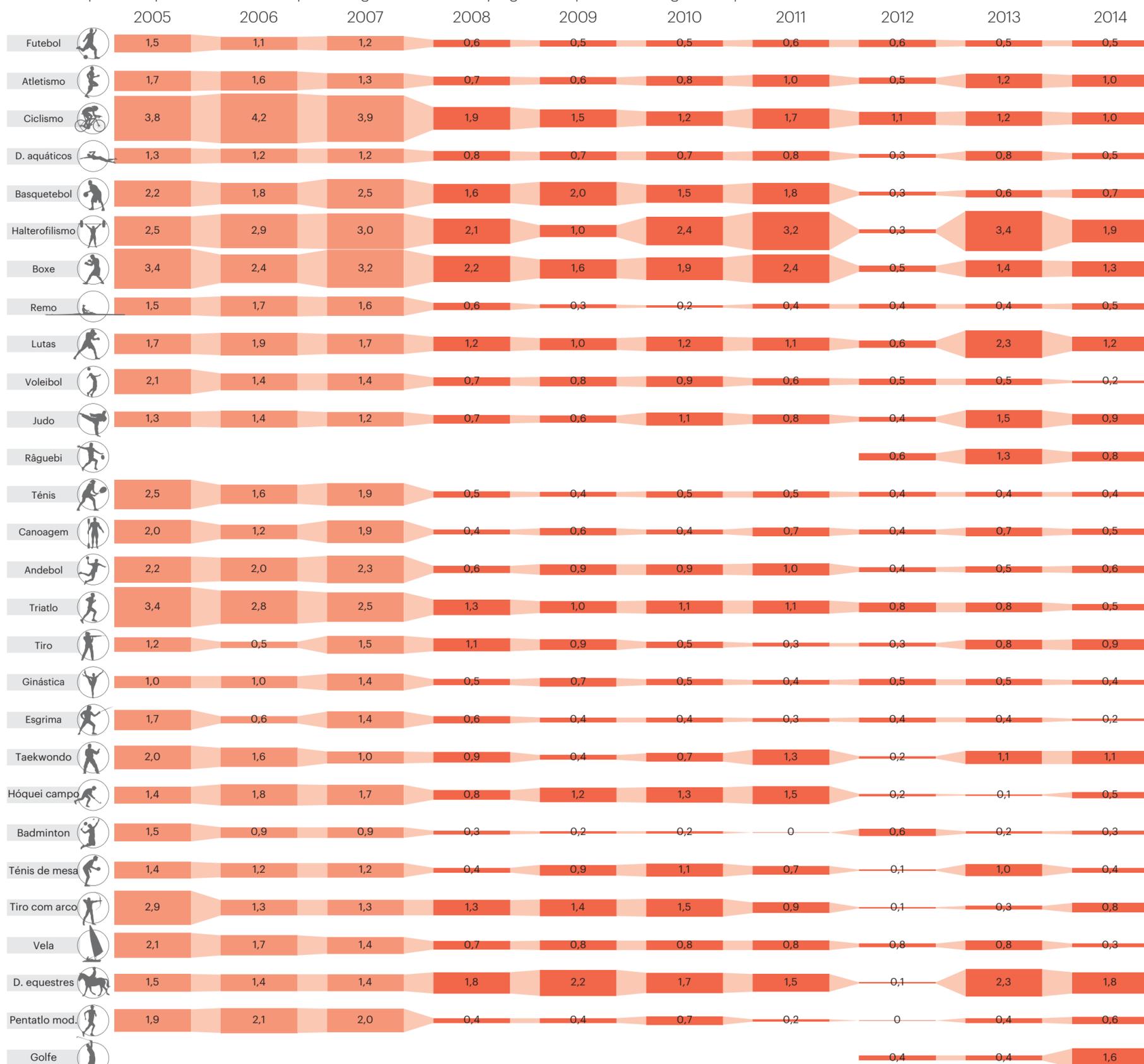


Uma década de casos no doping mundial



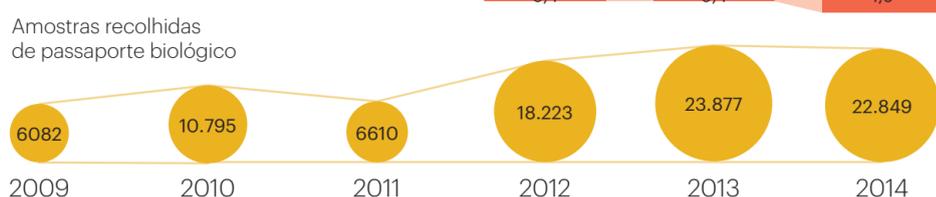
Os últimos anos do fenómeno do combate ao *doping* mostram um aumento das amostras recolhidas e uma diminuição dos casos positivos. Tendo por base as modalidades dos Jogos Olímpicos de Verão, conclui-se também que o halterofilismo é a que tem a percentagem mais significativa de infracções e que o ciclismo regista um decréscimo assinalável, de um pico de 4,2% em 2006 para 1% em 2014. *Por José Alves e Nuno Sousa*

Resultados positivos por modalidade em percentagem. Casos de *doping* em desportos dos Jogos Olímpicos de Verão mostram uma tendência de descida.



Mais controlo, menos casos de doping positivo

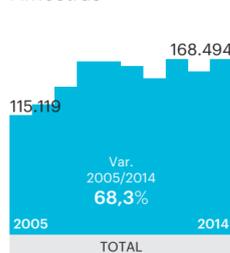
Desde 2005, os desportos dos Jogos Olímpicos de Verão têm visto aumentar a recolha de amostras para controlo *antidoping*. O número de violações segue a tendência oposta, em dez anos desceu para menos de metade. Pode dizer-se que o futebol foi o mais controlado, seguido do atletismo.



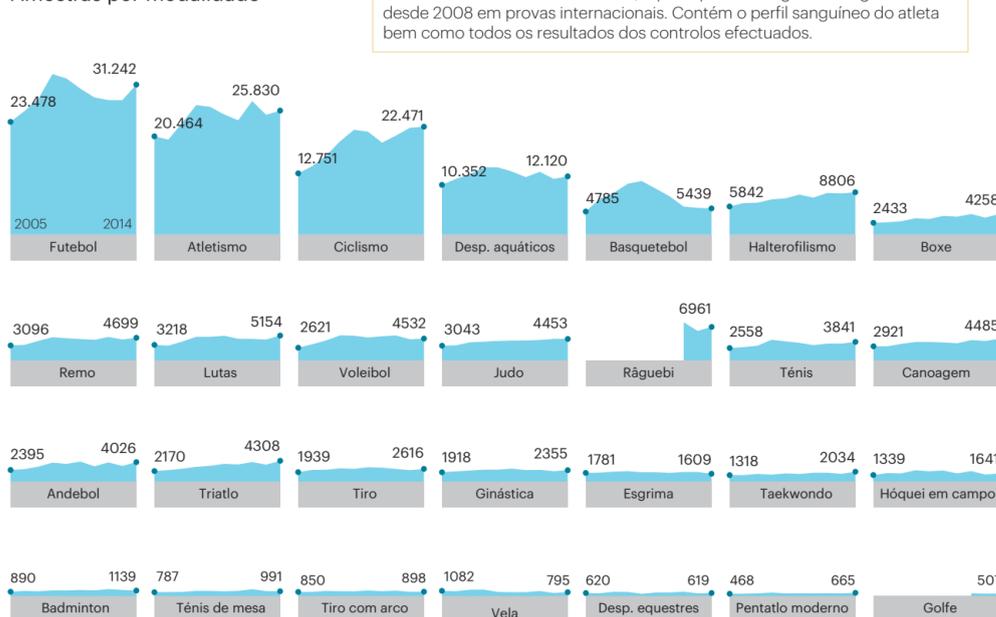
Testes positivos



Amostras



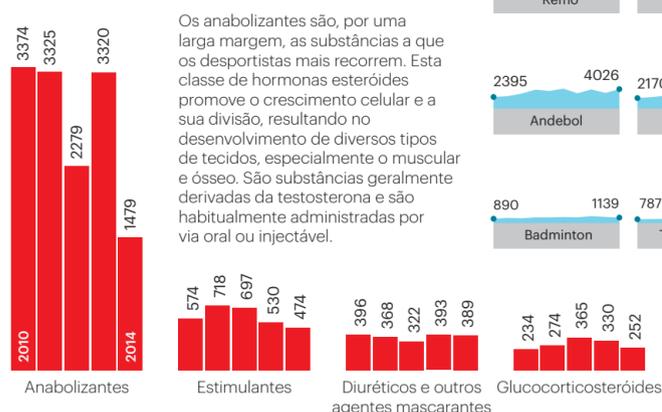
Amostras por modalidade



Documento electrónico individual, o *passaporte biológico* é obrigatório desde 2008 em provas internacionais. Contém o perfil sanguíneo do atleta bem como todos os resultados dos controlos efectuados.

SUBSTÂNCIAS IDENTIFICADAS

Em todos os desportos



Os anabolizantes são, por uma larga margem, as substâncias a que os desportistas mais recorrem. Esta classe de hormonas esteróides promove o crescimento celular e a sua divisão, resultando no desenvolvimento de diversos tipos de tecidos, especialmente o muscular e ósseo. São substâncias geralmente derivadas da testosterona e são habitualmente administradas por via oral ou injectável.

Em Portugal



A crise dos refugiados na Europa em mapas e números

Com a chegada de mais de um milhão de pessoas às suas fronteiras, a União Europeia sentiu-se acossada pela maior crise humanitária desde o fim da II Guerra Mundial. De onde vêm e porque vêm estas pessoas, do que fogem de forma tão desesperada, numa viagem cheia de perigos sem terem sequer a garantia de que terão uma porta aberta à chegada?

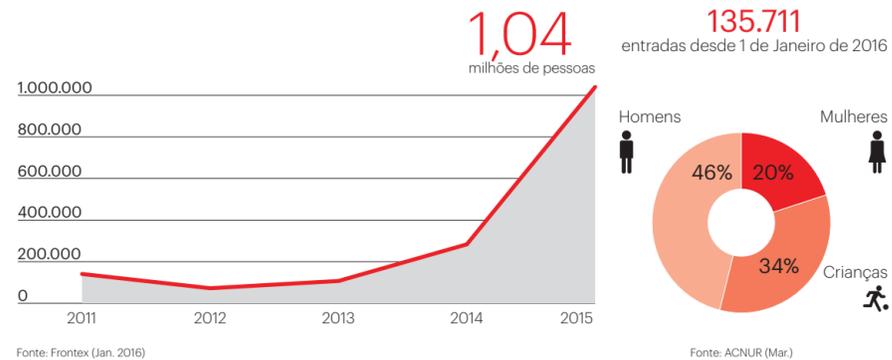
Por Clara Barata, Célia Rodrigues, Francisco Lopes e Joaquim Guerreiro

QUEM SÃO

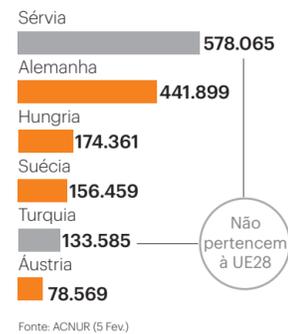
Em 2015, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), havia no mundo inteiro mais de 60 milhões de refugiados ou de pessoas obrigadas a sair da sua terra por conflitos ou catástrofes. Mais de um milhão chegou à Europa em busca de ajuda. A maior parte, dizem as organizações humanitárias, são verdadeiros candidatos a obter asilo (são perseguidos no seu país e correm risco de vida se lá voltarem). Outros fogem de uma vida de pobreza e sem quaisquer perspectivas de melhorar.

Entradas ilegais detectadas

A maioria das pessoas vem da Síria, do Afeganistão e do Iraque pela rota oriental. Pelas rotas do Mediterrâneo central e ocidental, chegam da Eritreia, da Nigéria e da Somália.



Países com mais pedidos de asilo, em 2015



Chegar à Europa e ficar à porta

“Não venham para a Europa. Não acreditem nos traficantes. Não arrisquem as vossas vidas e o vosso dinheiro por nada”, pediu o presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk. Neste momento, a UE não consegue dar resposta ao grande número de pedidos de asilo, engrossado pelo dos imigrantes económicos. Esta vaga desencadeou o encerramento de fronteiras em vários países, provocando a aglomeração de imigrantes na Grécia, e que fazem temer pela continuação do sistema de Schengen.

1 FRONTEIRA GRÉCIA/MACEDÓNIA

Há cerca de 18 mil pessoas ali bloqueadas que não conseguem continuar viagem nem têm condições de alojamento. Entretanto, continuam a chegar refugiados à Grécia, vindos sobretudo da Turquia, ao ritmo de mais de 2000 por dia. Em todo o território grego há perto de 40 mil refugiados, anunciou o Governo de Atenas, que teme que mais de 100 mil possam acumular-se no país, gerando uma crise humanitária.

2 TURQUIA

A UE está a pressionar a Turquia para pôr em prática rapidamente medidas para travar a chegada à Grécia de embarcações com refugiados, mas Ancara diz que é errado pôr toda a pressão na Turquia e na Grécia. A UE assinou um acordo com a Turquia em que prometeu dar novo fôlego às negociações de adesão, e pagar 3000 milhões de euros para melhorar as condições de vida dos 2,7 milhões de refugiados já no país, para evitar que viajem até à Europa. O objectivo “é a redução e a eliminação total deste fenómeno”, disse Donald Tusk.



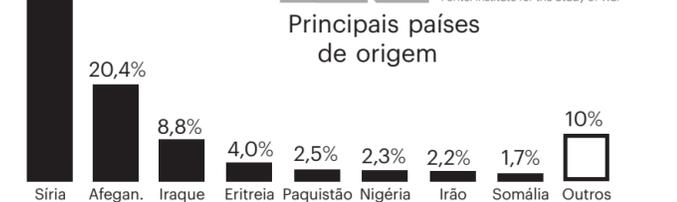
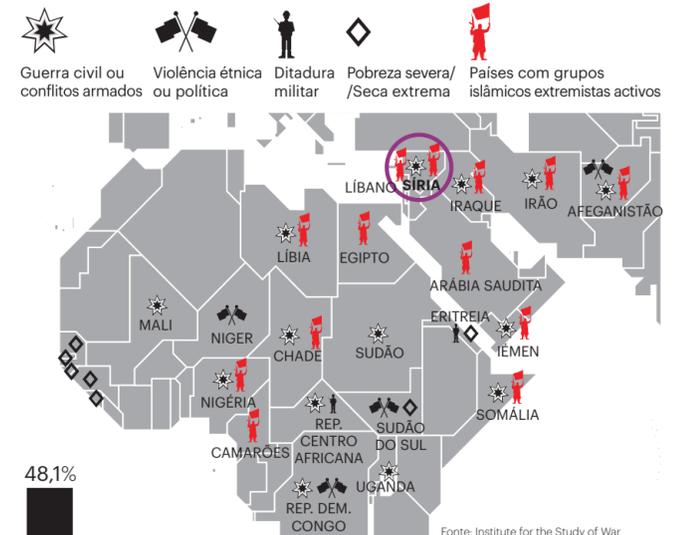
O QUE OS FAZ PARTIR

As primaveras árabes, em 2011, que puseram fim a ditaduras como a da Líbia, que travavam a passagem de migrantes para a Europa, vindos de África, dos países árabes e também da Ásia, cruzando o Mediterrâneo em fuga de miséria, violência e conflitos, fizeram disparar o número de pedidos de asilo na UE desde então. Nos anos 1994-2002, a média de pedidos foi de 300 mil, mas atingiu 663 mil em 2014 e ultrapassou largamente o milhão em 2015. A guerra na Síria, que dura desde Março de 2011 e já causou pelo menos 470 mil mortes, agravou ainda mais a situação.

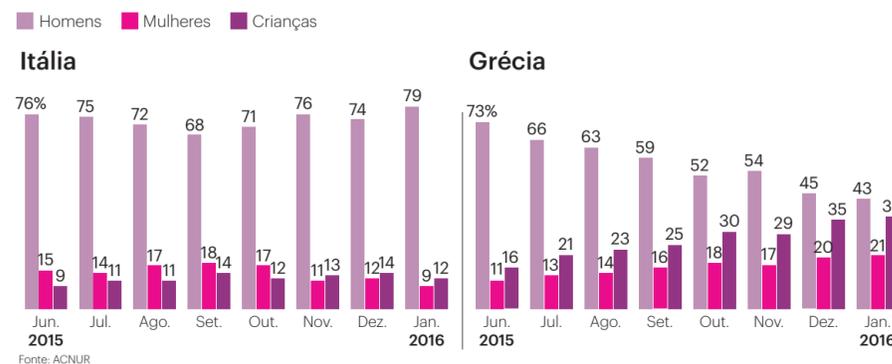
GUERRA NA SÍRIA 11,5% da população morreu ou ficou ferida

6 milhões de refugiados vivem fora do seu país

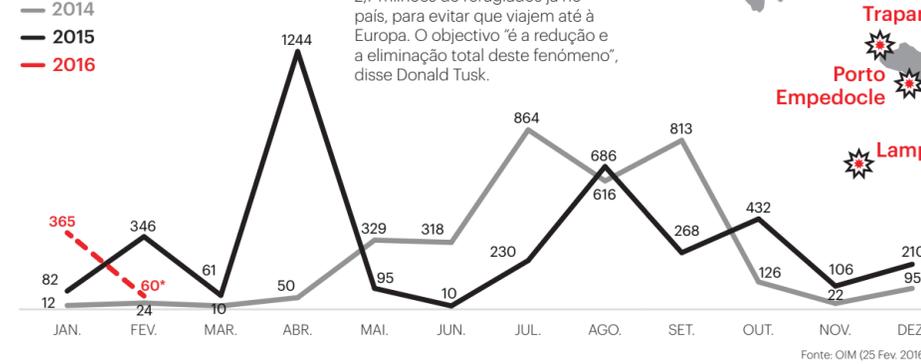
55,4 anos é a esperança média de vida, quando antes da guerra era 70



Comparação entre as chegadas à Itália e à Grécia Desde Junho de 2015

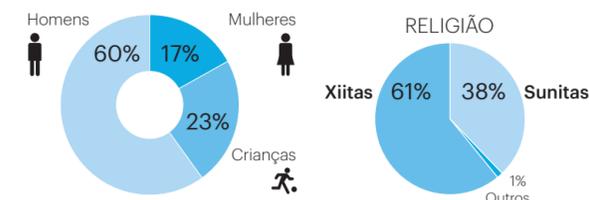


Mortes no mar



Chegada de afegãos em Janeiro de 2016

Muitos estão a ser impedidos de entrar na UE

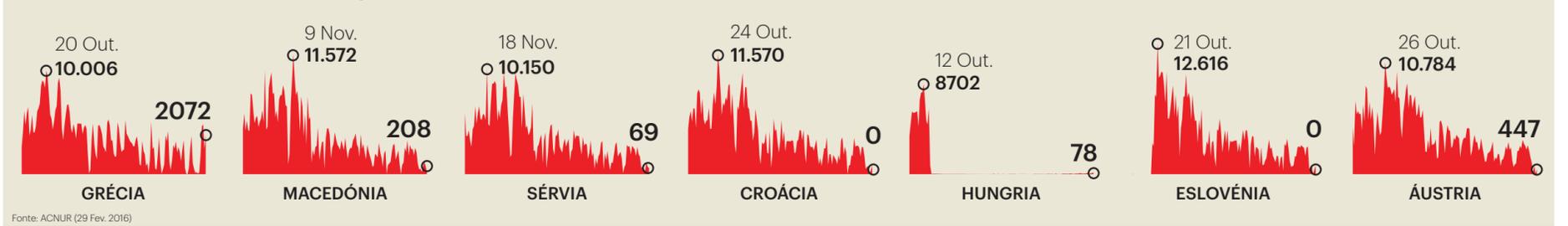


12% são estudantes que interromperam os estudos para fazer a viagem



80% da produção mundial de ópio vem de Helmand. Tal como Cabul, é uma das províncias mais afectadas pela violência dos talibã. É destas duas províncias que vem a maioria dos refugiados afegãos

Estimativa de entradas diárias pela rota dos Balcãs de 1 de Outubro de 2015 a 20 de Fevereiro de 2016



Os 59 dias que mudaram o Banif

Da fundação do banco aos dias do seu fim, passaram pouco menos de 28 anos. Há três períodos fundamentais nesta história. Quando Vítor Gaspar, convencido pelo Banco de Portugal, injecta mais de mil milhões em capital público, nacionalizando na prática o banco, em Dezembro de 2012; o longo hiato em que são feitas e refeitas oito versões da reestruturação exigida por Bruxelas; e, finalmente, as decisões que forçaram a resolução. Por Paulo Pena (textos) e José Alves (infografia)

h.º Plano de reestruturação/factualização apresentado à Comissão Europeia

PSD Partidos no Governo desde a recapitalização

PS Partidos no Governo desde a recapitalização

Período sem intervenção do Estado

15 de Janeiro de 1988 – Fundação do Banif – Banco Internacional do Funchal, em substituição da Caixa Económica do Funchal. **Horácio Roque** é o principal accionista.

1994-2003 – Estado angolano entrega 174,5 milhões de euros a três cidadãos portugueses para que estes adquiram 49% do Banif.

2008 – Estado angolano apresenta queixa no DCIAP 15 de Setembro – Falência do banco norte-americano de investimentos **Lehman Brothers**. Início simbólico da grande crise financeira mundial.

2009 – Ano de expansão do Banif: compra do Banco Caboverdiano de Negócios. Criação de um banco em Malta. Entrada no mercado espanhol (Banca Puyo e Banpyme).

Dia 4 – Estado angolano retira queixa

Dia 18 – Morte do fundador, e accionista maioritário, **Horácio Roque**. Começa a batalha pela herança. **Fátima Roque**, a primeira mulher do fundador do Banif, luta contra as filhas de ambos, **Teresa** e **Cristina Roque**, e a segunda mulher do comendador, a ex-secretária **Paula Caetano**, numa longa batalha judicial que ainda dura.

Dia 30 – **Maria Luís Albuquerque**, secretária de Estado do Tesouro, autoriza garantia do Estado à emissão de 500 milhões de euros em títulos de dívida do Banif.

Dia 1 – **Vítor Gaspar** sai. **Maria Luís Albuquerque** passa da Secretaria de Estado do Tesouro para ministra de Estado e das Finanças.

Dia 4 – Banif anuncia acordo com investidores do Estado da Guiné Equatorial. Acordo fracassa.

Dia 8 – **Jorge Tomé** garante aos deputados que "o Banif vai conseguir pagar ao Estado".

Dia 9 – Administração do Banif e Ministério das Finanças avaliam recapitalização privada.

Dia 10 – **António Varela** é nomeado administrador em representação do Estado. Governo exigiu-lhe que não usasse "direito de veto".

Dia 11 – Banif recompra 125 milhões de CoCos.

Dia 11 – **Vítor Gaspar** informa a Comissão Europeia da necessidade "urgente de medidas de recapitalização" do banco.

Dia 11 – **Vítor Gaspar** informa a Comissão Europeia da necessidade "urgente de medidas de recapitalização" do banco.

Dia 12 – A Comissão exige um plano de reestruturação até Março de 2015, "no máximo", que passasse pela divisão do Banif em "banco bom" e "banco mau", e restringisse a sua actividade às ilhas. "Foi repetidamente permitido ao banco que demorasse mais tempo [a reestruturar-se] (...) para não colocar em risco a saída [de Portugal] (...) do Programa de Ajustamento."

Dia 12 – Comissão pede a **Maria Luís** uma solução até à primeira semana de Dezembro.

Dia 13 – Governo garante à Comissão não estar a considerar "ajuda adicional ao Banif".

Dia 18 – Proposta de "carve out", ou seja, separação entre activos bons e maus do banco enviada à Comissão Europeia.

Dia 21 – Comissão Europeia aprova temporariamente a recapitalização. Autoridades portuguesas têm de apresentar um plano de reestruturação até 31 de Março de 2013.

Dia 21 – **Joaquín Almunia**, escreve a **Maria Luís Albuquerque**: defende que o Estado converta os CoCos em capital e assuma direito de voto na administração.

Dia 21 – **Vítor Gaspar** informa a Comissão Europeia da necessidade "urgente de medidas de recapitalização" do banco.

Dia 21 – Governo anuncia injeção de capital no Banif: 700 milhões em capital e 400 milhões em CoCos (títulos de dívida convertíveis em capital). Estado passa a ter 98,7% das acções do banco e 98,7% dos votos nos órgãos sociais.

Dia 24 – Comissão Europeia decide investigar a legalidade da injeção de capital estatal no Banif, de Janeiro de 2013. "A Comissão expressou dúvidas quanto à viabilidade do Banif."

Dia 25 – **Maria Luís Albuquerque** escreve à nova comissária da Concorrência, **Margrete Vestager**. Informa que escolheu um novo CEO para o Banif e que este se encontra a formar uma equipa.

Dia 27 – Nova carta da ministra das Finanças para **Vestager** faz referência ao interesse dos chineses da **Haitong** e de um consórcio da **Cobussen** com investidores do Médio Oriente.

Dia 29 – Comissão considera que a separação de activos seria, "muito provavelmente", uma "nova ajuda do Estado ao Banif".

Dia 29 – Comissão considera que a separação de activos seria, "muito provavelmente", uma "nova ajuda do Estado ao Banif".

Dia 31 – Prazo-limite para a devolução ao Estado de 125 milhões devidos pelo Banif em CoCos. Banco de Portugal não autoriza Banif a pagar, porque isso deterioraria os rácios do banco.

Dia 31 – **Agosto** – Em dois aumentos de capital, o Banif consegue 140,7 milhões de euros. Banco reembolsa ao Estado 150 milhões de euros de CoCos em atraso desde Junho. Estado fica com 74% do capital do banco.

Dia 31 – Num ano, o Banif perde 60,9% do seu valor em bolsa e anuncia prejuízos de 161,6 milhões.

Dia 31 – **Maria Luís Albuquerque**, secretária de Estado do Tesouro, autoriza garantia do Estado à emissão de 500 milhões de euros em títulos de dívida do Banif.

Dia 31 – **Agosto** – Em dois aumentos de capital, o Banif consegue 140,7 milhões de euros. Banco reembolsa ao Estado 150 milhões de euros de CoCos em atraso desde Junho. Estado fica com 74% do capital do banco.

Dia 31 – **Junho** – Aumento de capital de 100 milhões de euros repartidos entre a **Rentipar** (holding da família **Roque**), 75 milhões, e a **Auto Industrial** (empresa de comércio automóvel de Coimbra), 25 milhões. Começa a ser discutido um novo plano de reestruturação. Ficará conhecido por "commitment catalogue".

Dia 31 – **Junho** – Aumento de capital de 100 milhões de euros repartidos entre a **Rentipar** (holding da família **Roque**), 75 milhões, e a **Auto Industrial** (empresa de comércio automóvel de Coimbra), 25 milhões. Começa a ser discutido um novo plano de reestruturação. Ficará conhecido por "commitment catalogue".

Dia 31 – **Junho** – Aumento de capital de 100 milhões de euros repartidos entre a **Rentipar** (holding da família **Roque**), 75 milhões, e a **Auto Industrial** (empresa de comércio automóvel de Coimbra), 25 milhões. Começa a ser discutido um novo plano de reestruturação. Ficará conhecido por "commitment catalogue".

Vítor Gaspar cede ao BdP. "O recurso ao financiamento público (...) faz supor um deficiente funcionamento do sistema de prevenção", critica, em carta a **Carlos Costa**. O governador garantiu que o banco era "viável".

A caminho do fim

Dia

12 – Comissão pede a **Maria Luís** uma solução até à primeira semana de Dezembro.

13 – Governo garante à Comissão não estar a considerar "ajuda adicional ao Banif".

19 – Banco de Portugal envia à Comissão Europeia um conjunto de cenários para a resolução do Banif.

26 – Toma posse o Governo liderado por **António Costa**, com **Mário Centeno** como ministro das Finanças.

27 – Comissão queixa-se de "não ter sido informada do processo de venda [do Banif] que está a correr e sobre as condições desse processo, apesar de estar a decorrer uma investigação aprofundada à ajuda estatal ao Banif".

28 – Reunião do novo Governo com o Banco de Portugal.

30 – Primeira discussão sobre a proposta do Governo de fundir o Banif com a Caixa Geral de Depósitos.

A estratégia de **Maria Luís Albuquerque** fracassa oficialmente. O BdP muda de posição e passa a defender a resolução.



BANIF

1 Governo apresenta ao Fundo de Resolução a hipótese de integrar o Banif na Caixa.

2 Solução Caixa + Banif apresentada à DGComp, em Bruxelas. "As autoridades portuguesas defenderam que procuravam a venda do Banif sem uma nova ajuda estatal, enquanto procuravam alternativas à resolução do banco no caso de a venda não ter êxito."

3 Governador defende nova capitalização, com fundos públicos. Fala da "situação difícil do banco, para a qual urge encontrar uma solução". **Carlos Costa** mostra-se contrário à ideia de uma resolução.

4 Em Bruxelas, onde se encontra para uma reunião do Ecofin (ministros das Finanças dos 28), **Centeno** telefona à comissária **Margret Vestager** e encontra-se com o vice-presidente da Comissão Europeia, o letão **Valdis Dombrovskis**. Nesse mesmo dia, a DGComp informa, por email, que não autoriza a solução proposta pelo Governo.

5 Governo avalia a solução CGD+ Banif com o representante do Estado na administração do banco e com advogados do escritório **Linklaters**.

6 Esboço de uma carta de compromisso discutido com Banco de Portugal e Fundo de Resolução.

António Costa anunciou a resolução do Banif (decidida pelo BdP), que custou cerca de três mil milhões de euros. Foram dias de reunião permanente.

7 À margem de uma reunião do Eurogrupo (reunião dos ministros das Finanças dos países da zona euro), **Mário Centeno** encontra-se com o holandês **Jeroen Dijsselbloem**.

8 Reunião no Ministério das Finanças com a administração da companhia de seguros **Açoreana**, do grupo Banif.

9 Banco de Portugal envia ao Ministério das Finanças a sua avaliação sobre a solução CGD + Banif.

10 Teleconferência do Governo, DGComp e Fundo de Resolução. **Santander** participa. **Popular** só é chamado mais tarde. Há quatro propostas em cima da mesa: **Santander**, **Banco Popular**, **Apollo** e **JC Flowers**. Email do BCE: "Há outras ofertas pelo Banif (...), recomendo que nem percam tempo a tentar fazer passar essas propostas." As 18h é decidida a resolução, uma vez que todas as propostas para a venda voluntária previam perdas. Banco de Portugal decide que a venda deve ser feita a um dos concorrentes já apresentados. **Apollo** dispõe-se a tornar a sua proposta vinculativa e a negociar no dia 20.

11 Carta do Banco de Portugal a **Mário Centeno**. Se a venda voluntária do banco falhar, não resta alternativa senão a resolução.

12 À noite, notícia da TVI dá conta de colapso iminente do banco.

13 Reunião do Governo com a Associação Portuguesa de Bancos. Novas exigências de Bruxelas: eliminação de fundos de private equity da lista de potenciais compradores do Banif.

14 **Luis Amado** recebido no Ministério das Finanças por temer um problema grave de liquidez. **António Costa** chama os líderes parlamentares à residência oficial de São Bento para falar sobre o Banif.

15 **António Costa** está em Bruxelas para uma reunião do Conselho Europeu e reúne-se com o líder do BCE, **Mario Draghi** e com a comissária da Concorrência, **Vestager**. CMVM suspende a cotação do Banif na Bolsa de Lisboa.

16 Governo suspende os contactos com a DGComp. Conselho de Supervisão do BCE decide não autorizar o "banco de transição". Conselho de Governadores do BCE suspende o estatuto de contraparte do Banif.

17 **António Costa** está em Bruxelas para uma reunião do Conselho Europeu e reúne-se com o líder do BCE, **Mario Draghi** e com a comissária da Concorrência, **Vestager**. CMVM suspende a cotação do Banif na Bolsa de Lisboa.

18 Teleconferência entre Governo, DGComp e Fundo de Resolução. **Santander** participa. **Popular** só é chamado mais tarde. Há quatro propostas em cima da mesa: **Santander**, **Banco Popular**, **Apollo** e **JC Flowers**. Email do BCE: "Há outras ofertas pelo Banif (...), recomendo que nem percam tempo a tentar fazer passar essas propostas." As 18h é decidida a resolução, uma vez que todas as propostas para a venda voluntária previam perdas. Banco de Portugal decide que a venda deve ser feita a um dos concorrentes já apresentados. **Apollo** dispõe-se a tornar a sua proposta vinculativa e a negociar no dia 20.

19 Administração do Banco de Portugal reúne-se com ministro das Finanças. Administração do Banif chamada ao ministério.

20 **Santander** faz oferta vinculativa e começa a negociar com o Banco de Portugal. Às 23h30, o Banco de Portugal aceita a proposta do **Santander** e comunica a venda.

21 Contra a vontade dos seus parceiros de maioria, **António Costa** aprova um rectificativo para pagar a resolução.

Comissão Europeia atesta que resolução não é considerada ajuda de Estado e, ao fim de quase três anos, considera legal a injeção de capital público decidida pelo Governo em Janeiro de 2013. É aprovado no Parlamento um Orçamento rectificativo, viabilizado pelo PS e pelo PSD. Os partidos de esquerda que apoiam o Governo (BE, PCP e PEV) votam contra e criticam a opção.

20 **Santander** faz oferta vinculativa e começa a negociar com o Banco de Portugal. Às 23h30, o Banco de Portugal aceita a proposta do **Santander** e comunica a venda.

21 Contra a vontade dos seus parceiros de maioria, **António Costa** aprova um rectificativo para pagar a resolução.

Gigantes antigos da floresta

As árvores grandes e velhas – um conceito flexível para os maiores e os mais antigos exemplares dentro de uma espécie, e não para recordes absolutos de tamanho e idade – enfrentam hoje vários desafios na sua conservação

Por Cátia Mendonça, Célia Rodrigues e Teresa Firmino

No Dia da Terra, comemorado ontem, os cientistas David Lindenmayer e William Laurence, da Austrália, alertaram para as ameaças às árvores grandes e antigas, num artigo na revista *Trends in Ecology & Evolution*: o abate e a desflorestação, a agricultura, a seca, os incêndios, as

inundações, os ventos fortes, as espécies invasivas, a construção de infra-estruturas e as alterações climáticas. “As árvores grandes ficam mais finas e menos flexíveis à medida que crescem, tornando-se vulneráveis a danos causados pelo vento em paisagens fragmentadas”, dizem.

Como algumas atingem longevidades extremas, o seu ambiente pode agora já estar muito mudado, pondo em risco a sua sobrevivência. Algumas vivem em grupos pequenos ou mesmo isoladas, o que requer medidas de conservação especiais.

Eucalyptus regnans



Espécie nativa da Austrália, é considerada a planta com floração mais alta do mundo. Gosta de solos húmidos mas tolera bem a seca e não cresce na sombra. É perene e de crescimento rápido, podendo crescer mais de um metro por ano.



eucalipto-gigante



sequoia-sempre-verde

Sequoia sempervirens



Em 2006 descobriram-se três exemplares gigantes desta árvore numa zona remota do Parque Nacional das Sequoias, na Califórnia. A maior delas, a *Hyperion*, tem 115,7 m de altura. Foi considerada a árvore mais alta do mundo. Terá 700 a 800 anos.



eucalipto-com-folhas-de-vimieiro

Eucalyptus viminalis



Espécie muito comum no Sul da Austrália e na Tasmânia. As suas folhas são o alimento favorito dos coais, por isso a sua conservação está ligada à subsistência destes animais.

Quercus robur



A reserva florestal de Białowieża reúne cerca de 20 árvores com mais de 400 anos, o que é raro na Europa. Referida em documentos da Idade Média, está protegida por vedações. Visitas só com guia.



carvalho-comum

Sequoiadendron giganteum



A maior sequoia-gigante conhecida é um exemplar com quase 95 metros de altura, identificada em 1998 no Parque Nacional das Sequoias, na Califórnia. Mas há lá outra sequoia-gigante que se destaca: a *General Sherman* é considerada o organismo vivo mais volumoso. Tem 83,8 m de altura, 11,1 m de diâmetro na base e 1385 toneladas. Idade: 2300 a 2700 anos.



sequoia-gigante

Petersianthus quadrialatus



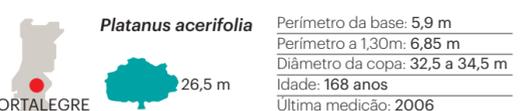
Espécie típica da floresta tropical, é nativa das Filipinas. Tem folha caduca, com floração ocasional desencadeada por flutuações bruscas de temperatura.



pau-rosa-das-filipinas



plátano-híbrido



O plátano-híbrido que está em Portalegre tem a maior projecção da copa do país. Foi podado para ter uma copa muito larga, perfeitamente redonda e frondosa.

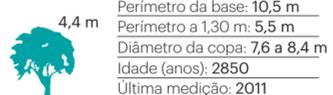


ÁRVORES MONUMENTAIS DE PORTUGAL



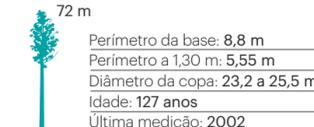
Olea europaea

Uma oliveira de Santa Iria de Azóia, Loures, tem 2850 anos, segundo cientistas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. É considerada a árvore mais antiga do país.



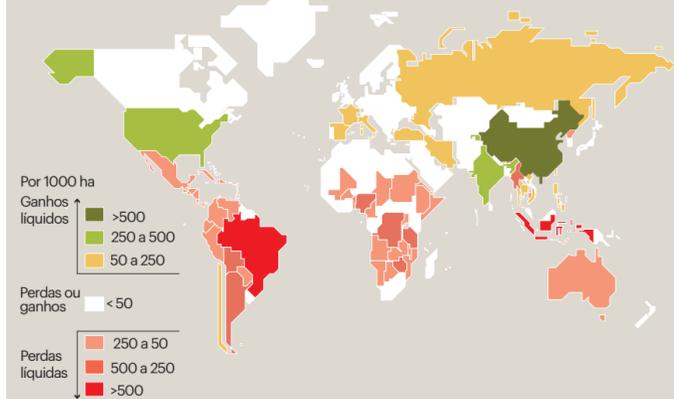
Eucalyptus diversicolor

O exemplar que está na Mata Nacional de Vale de Canas é considerado o mais alto da Europa.



A última estimativa do número de árvores na Terra é de 2015, de uma equipa coordenada pela Faculdade de Yale para a Floresta e Estudos Ambientais, EUA: há mais de três biliões e, todos os anos, são destruídos 10.000 milhões. Este trabalho, na revista *Nature*, que juntou dados no terreno com imagens de satélite, também calculou as árvores em Portugal: há 3126 milhões, o que equivale a 301 árvores por português.

Balanco dos ganhos e perdas de floresta no mundo (1990-2015)



Densidade florestal global



422 era o número de árvores que havia por pessoa no mundo em 2015

Cobertura florestal em Portugal 2000



Total de perdas de floresta 2001-2014, em hectares



Perdas de cobertura florestal, Por distrito, 2001-2014, em hectares

Santarém	63.622
Castelo Branco	62.772
Coimbra	60.314
Viseu	58.062
Aveiro	43.029
Leiria	41.937
Vila Real	34.173
Faro	30.112
Guarda	26.720
Braga	25.689
Setúbal	24.901
Beja	24.532
Portalegre	24.012
Bragança	22.933
Porto	22.609
Viana Castelo	18.457
Évora	14.082
Lisboa	10.111

Apanha da amêijoa-japonesa no estuário do Tejo



Amêijoa-japonesa
Ruditapes philippinarum

Este molusco bivalve vive enterrado a cerca de 4 cm da superfície em sedimentos arenosos e vascosos das zonas intertidais e subtidais

Para onde vai a amêijoa?



das capturas são expedidas para Espanha, podendo representar 9000 toneladas por ano sem controlo

Quantidade/esforço total anual de captura, kg/ano

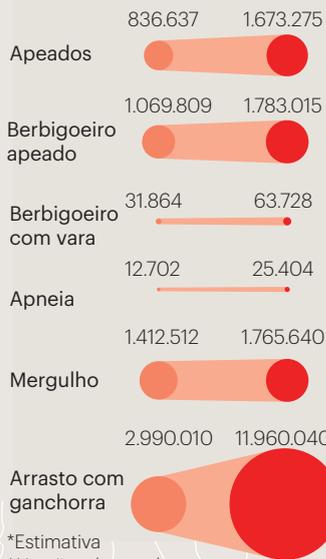


Estimativa das quantidades e dos preços totais de apanha por técnica de pesca em 2015

	Apeados	Berbigoeiro apeado	Berbigoeiro com vara	Apneia	Mergulho	Arrasto com ganchorra
Kg/maré	5-10	15-25	20-40	20-40	80-100	300-1200 /embarcação/dia
Preço/kg	1,92€	2,00€	2,38€	2,54€	2,54€	1,00€

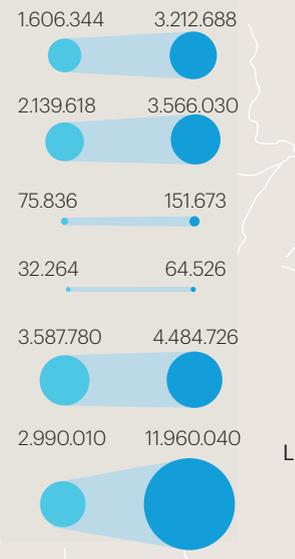
Quantidades totais por ano*, em kg

● Esforço mínimo** ● Máximo

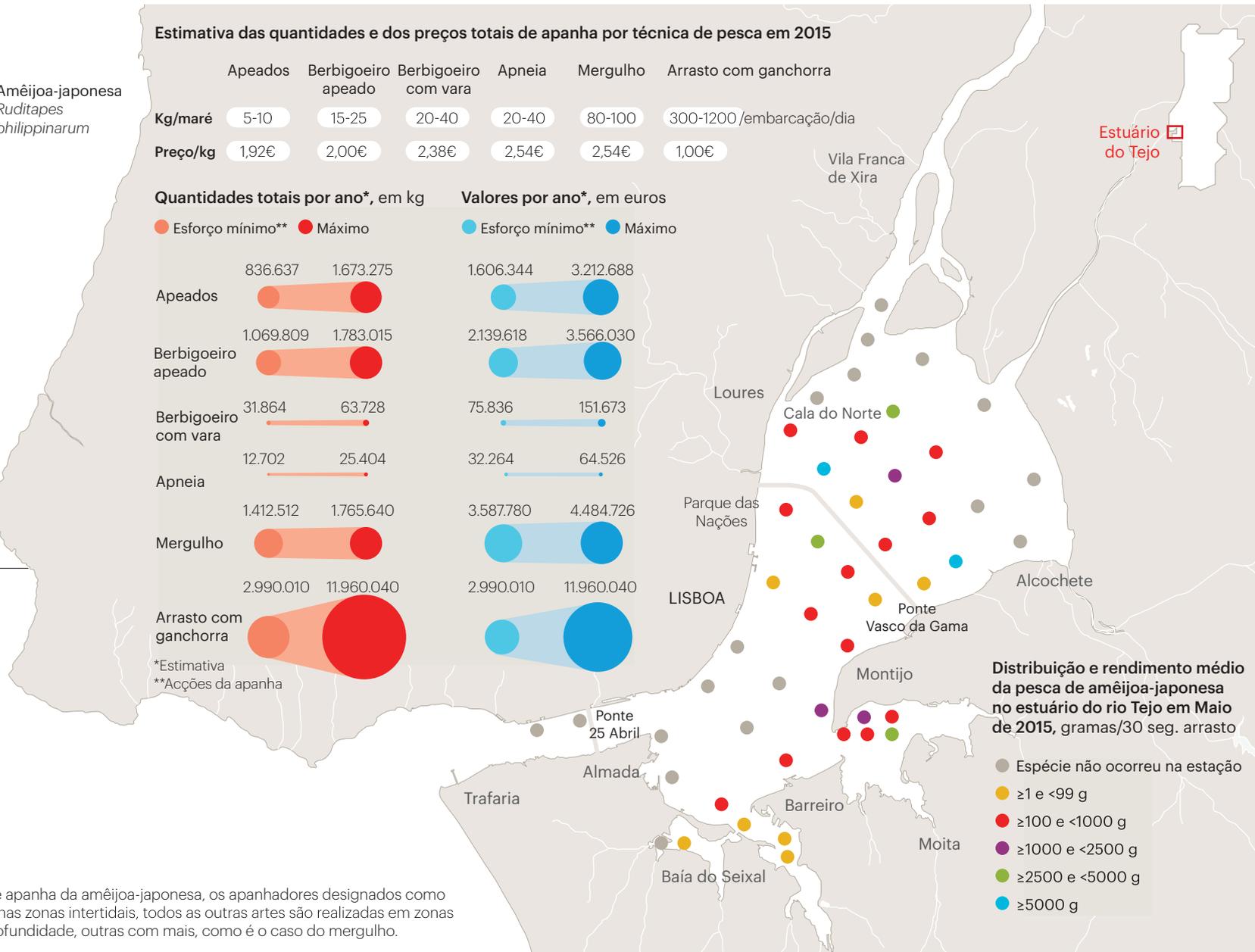


Valores por ano*, em euros

● Esforço mínimo** ● Máximo

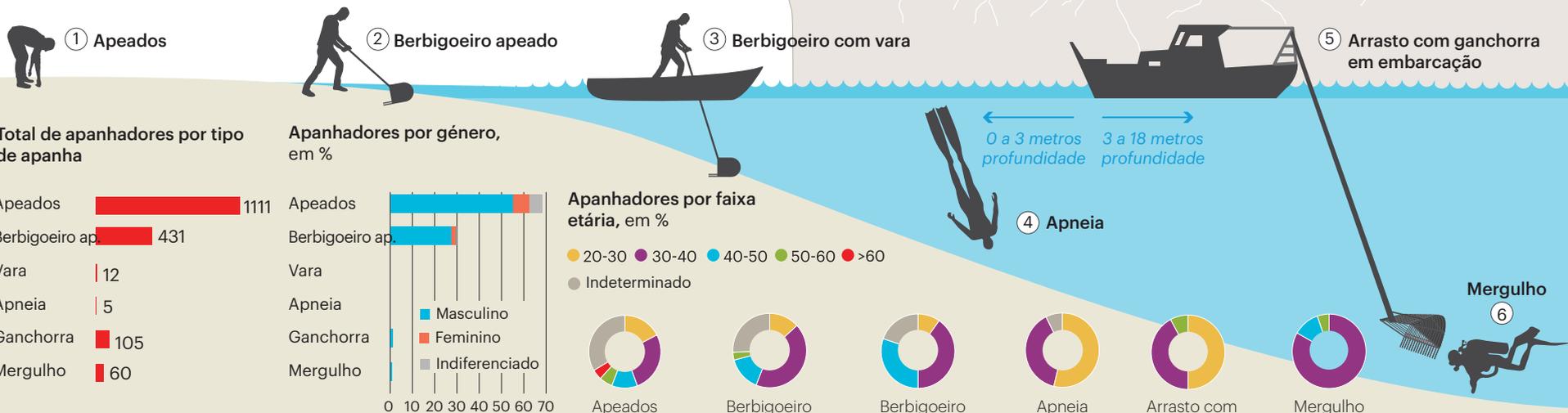


*Estimativa
**Acções da apanha



Técnicas de apanha

Foram detectadas seis artes de apanha da amêijoa-japonesa, os apanhadores designados como "apeados" foram identificados nas zonas intertidais, todas as outras artes são realizadas em zonas subtidais, umas com pouca profundidade, outras com mais, como é o caso do mergulho.



Área de apanha para as várias artes de pesca de amêijoa-japonesa

